

Brasil, caro pra chuchu

Da casa própria ao cabeleireiro, os preços no País atingem patamares exorbitantes. Resultado da estrutura econômica criada para o consumo de poucos

por LUIZ ANTONIO CINTRA*

O BRASIL PARECE imerso em uma loucura coletiva. Comprar um imóvel, ir ao restaurante, mobiliar a casa, adquirir um carro, cortar o cabelo, fazer as unhas, recorrer a um electricista... Pense em um produto ou serviço consumido por qualquer classe social e o valor, se não for o mais alto do mundo, invariavelmente estará entre os maiores. Duvida? Vejamos alguns exemplos:

No Rio de Janeiro, São Paulo e capitais do Nordeste, é possível encontrar apartamentos de 200 metros quadrados vendidos por 4 milhões de reais. Há inclusive imóveis de altíssimo luxo por 30 milhões, no caso da capital carioca, um dos epicentros da escalada de preços

Consultas médicas a 600 reais, apartamentos de 200 metros quadrados por 4 milhões, restaurantes proibitivos: embalado pelo real valorizado, o custo Brasil dispara

no País. Às vésperas da Copa e a caminho das Olimpíadas, além dos investimentos atraídos pela exploração de petróleo na camada do pré-sal, a capital carioca tem no bairro do Leblon o metro quadrado mais caro do País, "desempenho" favorecido por seu tamanho diminuto (215 hectares onde vivem 46 mil habitantes em 22 mil residências).

São consultas médicas de 600 reais ou mais. Restaurantes cuja conta subiu, segundo calcula o IBGE, 140% na última década, com variações ainda maiores nos estabelecimentos mais vistosos (e nem sempre os melhores). Mensalidades escolares para crianças de 6 ou 7 anos a partir de mil reais.

Em uma loja especializada em São Paulo, um laptop MacBook Pro (tela de 15 polegadas e 4 gigabytes de memória), da

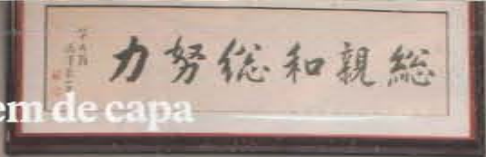
*Colaboraram: PEDRO HENRIQUE FRANÇA E SAMANTHA MAIA • Fotos: JONAS TUCCI - DARIO DE DOMINICIS - VANESSA LEMOS



Boom imobiliário.
Soares migrará de Santos para Itanhaém para economizar



BoicotaSP. Corci e Takabayashi apontam os abusos em bares e afins



Sob medida. Os japoneses Moriguchi e Hirata preferem comprar roupas em Tóquio

Rio, 40 graus. "Já existem condomínios de 55 mil reais o metro quadrado", diz o corretor Judice

▶▶ Apple, é vendido por 8 mil reais. O mesmo modelo é encontrado pelo equivalente a 3,9 mil reais em Nova York. A diferença paga uma passagem aérea na baixa temporada, o que explica o fato de ir às compras em Miami ter virado um hábito para uma parcela de brasileiros.

Os gastos crescentes em eletrônicos, peças de vestuário e de uso doméstico são uma das explicações para o fato de a conta de cartão de crédito dos brasileiros no exterior aumentar de forma acelerada. Em abril, segundo o BC, foram gastos 2,1 bilhões de dólares, recorde desde 1969. Lá os turistas encontram a desejada calça da Diesel pelo equivalente a 360 reais, peças vendidas por 800 aqui.

Os veículos de passeio também acompanham a tendência, ainda que os preços tenham se estabilizado nos últimos dois anos. Custam, em geral, o dobro do cobrado nos Estados Unidos. Ainda é ótimo negócio comprar Porsche Carrera em Nova York e revendê-lo em São Paulo. Um modelo conversível zero-quilômetro custa em uma concessionária nova-iorquina 120 mil dólares. Aqui, 650 mil reais.

Pesquisa recente da Embratur coloca o Rio de Janeiro no terceiro lugar entre



Modelo: Laptop Apple MacBook Pro 15" e 4 GB de memória

São Paulo
R\$ 8 mil

Nova York
R\$ 3,9 mil

Lisboa
R\$ 4,9 mil

as hospedagens mais caras nos principais destinos turísticos, atrás apenas de Miami e Punta Cana, à frente de Nova York e Paris. Um cafezinho em Lisboa custa menos que o cobrado em São Paulo, embora o grão seja fornecido, em ambos os casos, pelos produtores de Minas Gerais.

Essas distorções não podem ser atribuídas a um descontrole da inflação, que é a alta constante de preços captada por índices oficiais. Nem deve ser debitada inteiramente na conta da carga de impostos, obsessão da turma do impostômetro insuficiente para explicar o problema. O fenômeno tem raízes variadas. O custo Brasil é um deles, claro, mas não só. A comparação internacional está um pouco distorcida pelo fato de as economias maduras, Europa e Estados Unidos, passarem no momento por uma fase de "liquidação". Mas o entusiasmo recente com as perspectivas econômicas do País contaminou o ambiente: o aumento da renda eleva o consumo e pressiona os preços. Há, por extensão, um rearranjo dos preços relativos. Quem pode expande a margem de lucro até onde consegue.

Não bastasse, como explicam Júlio Sérgio Gomes de Almeida e Luiz Gonzaga Belluzzo à página 28, a política econômica

dos últimos 20 anos repete e aprofunda um erro com consequências nefastas. O real valorizado tem debilitado a indústria nacional, destruído cadeias produtivas e impedido uma inserção mais produtiva do País no sistema econômico internacional.

“O Brasil encerrou os anos 1990 e atravessou a década seguinte com uma regressão da estrutura industrial, ou seja, não acompanhou o avanço e a diferenciação setorial da manufatura global e, ademais, perdeu competitividade e elos nas cadeias que conservou”, anotam os economistas.

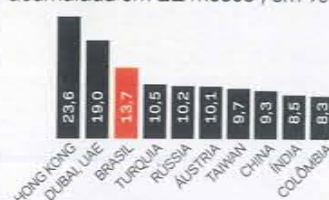
Diretor de competitividade da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho resume da seguinte maneira o estado das coisas: “Há nove anos temos aumento da renda acima da inflação, e além disso, cresceu muito a oferta de crédito, e isso foi para serviços e manufaturados. No caso dos serviços, com a agravante de não podermos importar. Chegamos ao limite e não há perspectiva de melhora no curto prazo”. Uma pesquisa da federação paulista das indústrias comparou o custo de produção no País àquele dos 15 principais parceiros comerciais e constatou que produzir aqui é em média 32% mais caro. Imprimir um livro na China custa 50% ou até 35% do valor da impressão em uma gráfica brasileira. E isso inclui o preço do frete até os portos brasileiros.

O “Brasil caro” assusta inclusive quem cresceu em países de alto custo de vida. Quando a francesa Pauline Dewitte esteve pela primeira vez no País, em Porto Alegre, para um intercâmbio em 2005, o Brasil, diz ela, não estava “na moda como agora”. Naquele tempo, ela morou em Fortaleza e no Rio de Janeiro, além da Argentina, antes de retornar à França. Após obter o mestrado em Sustentabilidade, decidiu voltar em busca de uma oportunidade profissional. Chegou no início da década, quando a maré nacional mudara de rumo. “Como estudante, eu tinha 500 euros por mês e vivia bem. Quando voltei, em 2011, me assustei, tudo estava muito mais caro”, diz a hoje gestora de projetos.

Casada com um engenheiro brasileiro, o gasto mensal com aluguel começou em 2,6 mil mensais ao mês e subiu para 3,5

RANKING GLOBAL

Varição do preço dos imóveis, acumulada em 12 meses*, em %



Fonte: Consultoria Knight Frank
*Até dezembro de 2012

A DIÁRIA NOS HOTÉIS

Ranking tarifas de lazer, em US\$

Cidades	Média
Miami	293,57
Punta Cana	278,90
Rio de Janeiro	246,71
Nova Iorque	245,82
Sydney	201,73
Paris	196,17
Cancún	193,89
Londres	189,10
Barcelona	174,72
Florianópolis	155,65
Recife	143,45
São Paulo	140,39
Fortaleza	126,81
Salvador	126,11
Natal	123,71
Manaus	117,36
Buenos Aires	115,77
Foz do Iguaçu	104,66
Santiago	100,49

Fonte: Embratur

A CONTA CHEGOU

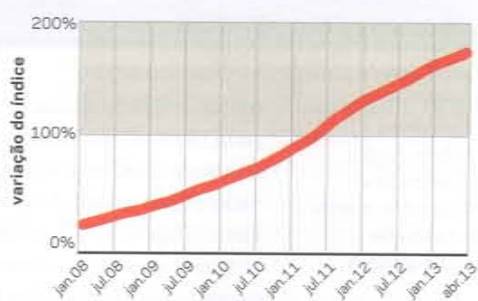
Evolução do custo da alimentação fora de casa*



Fonte: IBGE *Índice 100 = Dez/2001

O BOOM IMOBILIÁRIO

Varição do preço dos imóveis em São Paulo



Fonte: Fipe Zap

mil, em um imóvel em Copacabana, antes de o casal comprar uma casa no Bairro da Glória. Em pouco mais de um ano, viram o próprio imóvel superar o teto de 1 milhão de reais, valorização de 63%.

Pudera, a francesa instalou-se no olho do furacão, segundo os especialistas, que consideram 2011 o auge do boom imobiliário, vivido com intensidade maior nas regiões metropolitanas, onde mora cerca de metade da população brasileira. Especialista no assunto, o economista Eduardo Zylberstajn, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, aponta maio de 2011 como o pico de variação dos preços. Àquela altura, o valor do metro quadrado acumulava alta de 44% em 12 meses na capital fluminense. Ainda em elevação, embora mais modesta, o aumento em abril deste

ano chegou a 14% em comparação com o mesmo mês de 2012.

Nos edifícios Juan Les Pins e Cap Ferrat, os mais valorizados da orla carioca, empresários como Alexandre Accioly desembolsam até 55 mil reais pelo metro quadrado. “Já existem outros condomínios nessa faixa”, diz Frederico Judice, diretor da imobiliária Judice & Araujo, afiliada da Christie’s e especializada em imóveis top de linha.

Atendência de valorização imobiliária, contudo, generalizou-se a partir de 2008, em especial nas cidades médias e grandes da faixa litorânea e adjacências. “Três fatores explicam a valorização. A cada ano 1,5 milhão de novas famílias são formadas no País, média mantida há quase uma década. Tivemos vários anos seguidos de aumento real da renda dos brasileiros. E melhoraram as condições de crédito, com a queda das taxas de juro e o aumento do

Reportagem de capa



Realismo.

A francesa Pauline cogita voltar para a França por conta do custo da escola infantil

Mudança.

A família Jurcovichi está feliz com a troca por uma escola pública

prazo médio de financiamento, de cinco para 15 anos”, diz Zylberstajn, coordenador desde 2011 de um acompanhamento mensal dos preços dos imóveis, parceria entre a Fipe e o site ZAP. O tempo de construção é outro fator a contribuir para o estrangulamento da oferta.

A expansão do crédito igualmente facilitou o turismo pelo País, mas o mercado concentrado praticamente em duas companhias aéreas e a precária infraestrutura aeroportuária impedem uma redução das tarifas. Os aeroportos, por sinal, concentram alguns dos principais aspectos do Brasil caro. “Temos uma estrutura de mercado preparada para os 25% mais ricos, e ela não mudou nas últimas décadas, mesmo com a maior internacionalização da economia”, diz o economista Marcio Pochmann, ex-presidente do Ipea. O pano de fundo da análise de Pochmann: para uma ampla parcela da população, o Brasil sempre foi não apenas caro, mas inacessível. O brasileiro que pertence à faixa superior de renda é o mais atingido pela carestia, pois sua cesta de consumo é dominada pelos serviços.

Quando o País começou a melhorar, os gargalos ficaram evidentes, e não apenas nos aeroportos em período de alta

“Os bancos são emblemáticos (da estrutura econômica do País). Foi feita a abertura para os estrangeiros, mas a concentração aumentou”, diz Marcio Pochmann

temporada. As empresas com poder de mercado acima do desejável, capazes de reajustar seus preços e ampliar a margem de lucro, preferiram ganhar mais no curto prazo do que apostar no ganho de escala e em um mercado de consumo de massas.

“Os bancos são emblemáticos. Foi feita a abertura para os estrangeiros, mas eles se acomodaram e a concentração aumentou. Eram 270 bancos, em 1995, e hoje temos menos de 200”, diz Pochmann. Para o economista, este é um dos motivos para o custo do crédito seguir elevado no País, apesar de a taxa básica se encontrar em um patamar abaixo da média histórica.

No Rio para um estágio de nove meses numa ONG internacional, o norte-americano Connor Cox compartilha em um blog as impressões do País. Apesar dos vários aspectos positivos, ele integra a lista dos novos moradores surpresos com o custo de vida brasileiro. “Na Alemanha, onde morei antes de vir para cá, eu alugava um quarto com boa localização por 300 euros (menos de 800 reais). Agora pago 940 reais, dividindo um apartamento em Santa Teresa com outros três.”

Pauline e Connor estranham ainda o preço da educação, saúde e transporte público. Grávida do seu primeiro filho, Pauline não descarta a hipótese de voltar à França em um futuro próximo, quando seu filho chegar à idade escolar.



“Nunca paguei para estudar. Sou uma mulher criada para ser independente, só consegui continuar aqui porque o salário do meu marido é quatro vezes maior que o meu.”

Moradores de Osasco, com duas gêmeas de 8 anos, Luciano Jurcovichi e sua esposa, Janine, optaram por uma escola pública no início do ano ao perceberem que a mensalidade das filhas se aproximava de 3 mil reais. “Começamos a cogitar outras possibilidades e percebemos que o setor público era uma opção viável e interessante, apesar dos preconceitos de muitos contra tudo que é público”, diz Jurcovichi. Felizes com a troca, facilitada pelo fato de a nova escola ser uma referência pedagógica na capital paulista, o casal se diz satisfeito. “O que mais chama a nossa atenção é o contato com a diversidade social e econômica.”

Nesse enredo, a alimentação fora de casa atingiu patamares inacreditáveis. Em São Paulo, um casal e um filho de 5 anos foram a uma hamburgueria na zona oeste. Três lanches e algumas bebidas depois, a conta de 220 reais chegou à mesa. De olho no garçom, o publicitário Danilo Corci e a esposa, Camila Kintzel, acharam um exagero. “Pensamos em criar uma plataforma

online onde os cidadãos pudessem informar que lugares consideram caros”, diz Corci. Indignado, o publicitário inaugurou em abril, em parceria com Camila e os amigos Ricardo Giassetti e Marcos Takabayashi, o site BoicotaSP com o intuito de aliviar os consumidores. A página tem hoje 150 mil acessos diários e 50 mil “seguidores” no Facebook.

Um pão de queijo a 6 reais, o pão francês por 18 reais o quilo na padaria, balde de pipoca por 38 reais, garrafa de água mineral de 300 mililitros por 13 reais. Ao recolher exemplos, a lista de lugares citados como abusivos pelo BoicotaSP passa de 3 mil. “Aqui todo preço alto é justificado pelo uso de produtos diferenciados, mas não existe um refrigerante gourmet”, diz Corci. Ele acredita que o movimento pode mudar a cultura do consumidor paulistano, em geral envergonhado de reclamar.

No caso dos estrangeiros, o susto não demora a chegar. Que o diga o japonês Nobuyoshi Moriguchi, presidente da Starts Brasil, há dois anos no País, especializado em auxiliar empresas e trabalhadores japoneses expatriados a encontrar escritório e residências no País. “Alguns preços de imóveis equivalem ao de áreas nobres em Tóquio, mas, se buscamos o mesmo padrão de qualidade, os valores em São Paulo chegam a ser o dobro”, diz o

executivo. Segundo ele, um dos problemas é a baixa produtividade. “No caso de restaurantes, o número de funcionários no Brasil é duas vezes e meia maior que no Japão para as mesmas funções.”

Os japoneses se espantam por pagar quase quatro vezes mais no Brasil pelo *teishoku*, o prato feito japonês, ao menos 40 reais em território nacional. “Mesmo o padronizado Big Mac sai bem mais caro aqui”, diz Fujiyoshi Hirata, secretário-geral da Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil. Quando retorna a trabalho a seu país de origem, Hirata se abate com roupas, mais adequadas ao seu tipo físico e mais baratas. “Se houvesse mais abertura para a concorrência, os preços no Brasil não seriam assim. O País precisa melhorar a infraestrutura e realizar reformas. Hoje, o Brasil perde em preços mesmo para países com mão de obra mais cara”, avalia Hirata.

Há ainda fenômenos localizados. Em Santos, o investimento da Petrobras na construção de um centro administrativo para o pré-sal fez os preços dispararem. A onda de reajustes levou o segurança aposentado Márcio de Mello Soares a “migrar” para a vizinha Itanhaém, após 46 anos em Santos. “De 2007 para cá, o aluguel começou a ficar muito caro, e comprar uma casa na cidade está impossível. As pessoas estão indo cada vez mais para a periferia.”

Uma luz no fim do túnel? Não para agora, diz Pochmann. “O que pode nos ajudar é a aposta em um grande bloco de investimentos em infraestrutura. Depois de três décadas sem nada, a dúvida é saber se vamos conseguir construir um do mesmo porte e impacto daqueles do período de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e do fim da ditadura. Com isso conseguiremos reduzir uma parcela do chamado custo Brasil. Além disso, temos de alterar a estrutura tributária, extremamente regressiva.” Ou seja, quem ganha menos paga, proporcionalmente, mais impostos. O sistema tributário nacional, por consequência, aprofunda a desigualdade e a ineficiência da economia. ■